

tâncias. Com a metrópole dominada pelos franceses, era indispensável permitir aos barcos estrangeiros trazer e entregar as mercadorias diretamente na colônia. A classe dominante brasileira, a dos grandes proprietários, a que mais interessada estava no livre comércio, constituía o público potencial do órgão editado em Londres. O mesmo ocorria, e por razões óbvias, com a camada dos comerciantes. E, por outras razões, com a camada média. Aquela classe e estas camadas, entretanto, não eram dadas à doutrinação, à postulação dos problemas, atitudes próprias de uma classe, a burguesia, inexistente no país, uma vez que não eram burgueses, a rigor, os elementos da camada mercantil, que operavam com a forma pré-capitalista do capital, o capital comercial, haurido na esfera da circulação e não na da produção.

O atraso da imprensa no Brasil, aliás, em última análise, tinha apenas uma explicação: ausência de capitalismo, ausência de burguesia. Só nos países em que o capitalismo se desenvolveu, a imprensa se desenvolveu. A influência do *Correio Brasiliense*, pois, foi muito relativa. Nada teve de extraordinário. Quando as circunstâncias exigiram, apareceu aqui a imprensa adequada. E por isso é que só por exagero se pode enquadrar o *Correio Brasiliense* no conjunto da imprensa brasileira. Quando começou a circular, com a clandestinidade obrigada ou não a que se submeteu — clandestinidade porque proibido ou clandestinidade porque pouco lido — não se haviam gerado aqui ainda as condições para o aparecimento da imprensa. O que existia era arremedo. Quando surgiram aquelas condições, o *Correio Brasiliense* perdeu a razão de ser.

Não foi coincidência o seu desaparecimento no ano da Independência. Seu pensamento a respeito, aliás, era claro: “Ninguém deseja mais do que nós as reformas úteis, mas ninguém aborrece mais do que nós sejam essas reformas feitas pelo povo. Reconhecemos as más consequências desse modo de reformar. Desejamos as reformas, mas feitas pelo governo, e urgimos que o governo as deve fazer enquanto é tempo, para que se evite serem feitas pelo povo”⁽¹⁸⁾. As palavras são de 1811, mas Hipólito da Costa permaneceu fiel ao que elas traduziam de conteúdo político. Essa era, sem dúvida, também a posição da classe dominante, no Brasil e na época. Mas esta evoluiu, progressivamente, esposando, em 1822, a solução da Independência. Hipólito da Costa não a esposou; aceitou-a. Foi ultrapassado pelos acontecimentos e, portanto, pela parte mais importante de seu público. E o *Correio Brasiliense* perdeu a razão de existir, por isso mesmo.

(18) *Correio Brasiliense*, pág. 573, VI.